



SAC: SEM ACESSIBILIDADE AO CEGO

Joseane Tavares Barbosa¹; Michelly Arruda Menezes²; Matheus Silva Ferreira³; Patrícia Sousa da Rocha⁴; Nehemias Nazaré Lourenço⁵

1,2,3; Universidade Estadual da Paraíba – joseane.tb@hotmail.com;

matheus_ms2008@hotmail.com;

michellymenezesuepb1@hotmail.com;

4; Universidade Federal de Campina Grande- patipiaui@gmail.com;

5; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia na Paraíba – nehemias.lourenco@ifpb.edu.br

Resumo:

O presente artigo trata das dificuldades enfrentadas pelos deficientes visuais em se obter informações dos produtos que desejam comprar na contemporaneidade. É ensejo nosso explicitar o paradoxo em que as pessoas com tal deficiência vive, porquanto vivemos na era da informação e da tecnologia, contudo ainda tropeçamos e deixamos a desejar nas pequenas coisas, isto é, em detalhes que fazem uma grande diferença no final das contas. Diante disto, e pretendendo servir como um informe para possibilitar um fim a essa conjuntura, iremos demonstrar o quão escassa é a informação disponível em Braille, quando existente, nos mais diversos produtos vendidos no mercado, desde itens alimentícios como o café a itens de perfumaria, ou seja, da falta de acessibilidade à informação que os cegos enfrentam quando da compra de produtos de gêneros diversificados. Para tanto, analisamos o quanto de informação é excluída quando comparadas as informações para o vidente e para o deficiente visual no mesmo produto, trata-se, então, este estudo de uma pesquisa tanto quantitativa, por tratarmos da percentagem de exclusão da informação, quanto qualitativa, pois também trataremos da qualidade das informações prestadas. Por ser a pesquisa qualitativa um leque em que se permite utilizar mais de um tipo de pesquisa, faremos uso também das pesquisas.... O nosso referencial teórico é composto, principalmente, por autores que tratam da inclusão social das pessoas com deficiência, bem como da deficiência visual.

Palavras-chave: *Deficiência visual, produtos, acessibilidade.*

Introdução

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, estima-se que no Brasil há mais de 6,5 milhões de pessoas com deficiência visual, sendo 528.624 com cegueira total e 6.056.654 com baixa visão ou visão subnormal. Ainda que este seja um número bem representativo da sociedade brasileira, esta ainda não enxerga as necessidades que estas pessoas encontram em seu cotidiano.

Compromissos corriqueiros como fazer compras ou ir ao shopping podem se tornar uma batalha no dia-a-dia das pessoas com deficiência visual, seja ela congênita ou adquirida, pois são



poucos os ambientes que permitem ao sujeito social cego gozar de sua autonomia por que lhes faltam o piso tátil e placas informativas em Braille em shoppings, restaurantes e demais ambientes. Outra barreira encontrada por este público em específico está na falta de acessibilidade à informação sobre o que se pretende consumir, ou seja, nos produtos disponíveis nas prateleiras de supermercados ou de lojas dos mais diversos segmentos: perfumaria, calçado, roupas etc. Quando falamos em falta de acessibilidade à informação, referimo-nos não às triviais, senão às realmente importantes, porquanto há uma diferença entre elas, a saber: as informações triviais são as que nos informam o nome, a marca e a quantidade do produto; as importantes são a soma das triviais com outras do tipo: número do Serviço de Atendimento ao Consumidor (SAC), a quantidade de cada elemento por determinada porção, a data de fabricação e a validade do produto. Acreditamos que possa estar passando em sua cabeça alguma frase do tipo: “Mas estas informações já vem na embalagem do produto, não é?”. A resposta a essa pergunta é: depende.

Tanto as informações triviais quanto as importantes estão, sim, nos invólucros dos produtos e de maneira explícita, contudo, a maior parte destas informações não estão disponíveis para os deficientes visuais e não estamos falando, ainda, pela ausência do Braille.

Isto posto, pretendemos explicitar o quanto de informação (importante) se é omitida quando se há a presença do sistema de escrita Braille; a qualidade da informação prestada através deste sistema e sugerir como se pode contornar este problema sem que a pessoa com esta deficiência conte com a ajuda de leitores.

Para tanto, iremos ao longo deste artigo explicar pragmaticamente o que é a deficiência visual pontuando os tipos e as suas características; informar o que é o sistema de escrita e leitura Braille acentuando alguns pontos importantes de seu surgimento, contributos que permitirão ao leitor deste trabalho compreender a importância do mesmo para o sujeito acometido de cegueira; comparar as informações contidas em um mesmo produto para dois públicos diferentes: os videntes e os deficientes visuais e, demonstrar através de gráficos o quanto esse público em específico perde de informação quando comparado às prestadas ao público vidente.

Acreditamos que o momento seja oportuno para enfatizarmos que a crença de que qualquer pessoa que faça uso de lentes corretivas e afins é enquadrada por outras como deficiente visual, no sentido de ser cega. Além de essa ideia ser preconceituosa, é equivocada, pois segundo dados do



Conselho Internacional de Educação de Deficiência Visual da Organização Mundial da Saúde (OMS) encontrados no *website* Dorina Nowill, a baixa-visão é caracterizada como sendo o comprometimento do funcionamento visual em ambos os olhos, mesmo após a correção e/ou tratamento de erros refracionais comuns. Essas informações nos permitem inferir que há, então, uma diferenciação semântica entre a baixa-visão e a cegueira.

No âmbito educacional, definem-se como cegas as

peças que apresentam “desde a ausência total de visão, até a perda da projeção de luz”. O processo de aprendizagem se fará através dos sentidos remanescentes (tato, audição, olfato, paladar), utilizando o Sistema Braille como principal meio de comunicação. (BRASIL, 2005, p. 19)

Noutros termos, o sujeito ego é caracterizado por 1) não ter a visão até a perda da projeção de luz bem como 2) por fazer uso de outros sentidos, que se desenvolvem de maneira mais aguçada que os sentidos dos videntes. Acrescentamos o fato de que os cegos também são aqueles que 3) fazem uso de um sistema específico de leitura e escrita, qual seja, o Braille.

É ensejo nosso, aprofundarmos um pouco mais o ponto 1, porquanto a maioria das pessoas acreditam que a pessoa com cegueira não vê absolutamente nada. Ledo engano, afinal, algumas pessoas cegas podem perceber a luz, podem identificar um determinado volume (vulto), enfim, enxergam, mas de uma maneira bastante peculiar ressignificando o que se entende por “pessoa cega”.

Por fim, compreendamos o que é o Sistema Braille. De início, cabe ressaltar que é um código universal, isto é, não há diferença enquanto a “caligrafia” das letras de um país para outro, apenas na composição de seus termos/vocábulo, inventado por um francês, Louis Braille em 1825.

Consiste na composição de seis pontos em relevo, dispostos em duas colunas de três pontos cada; a esse conjunto, chamamos de Cella Braille. É interessante observarmos que estes seis pontos nos permitem formar 63 símbolos diferentes para a escrita de letras, números, notações musicais e científicas. Abaixo a disposição dos 63 símbolos do sistema Braille:



1ª série - série superior - utiliza os pontos superiores 1245	a	b	c	d	e	f	g	h	i	j
2ª série é resultante da adição do ponto 3 a cada um dos sinais da 1ª série	k	l	m	n	o	p	q	r	s	t
3ª série é resultante da adição do pontos 3 e 6 aos sinais da 1ª série	u	v	x	y	z	ç	é	á	è	ú
4ª série é resultante da adição do ponto 6 aos sinais da 1ª série	â	ê	î	ô	ù	à	ñ/ï	ü	õ	ò/w
5ª série é formada pelos sinais da 1ª série posicionados na parte inferior da cela	,	;	:	Sinal Divisão	?	!	=	“ ”	*	o (grau)
6ª série é formada com a combinação dos pontos 3456	í	ã	ó	Sinal de Alg.	Ponto Final ou Apóstrofo	- (hifen)				
7ª série é formada por sinais que utilizam os pontos da coluna direita da cela (456)	(4)	(45)	Barra Vertical	(5)	Sinal de Maiúscula	\$	(6)			

Fonte: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial de São Paulo. **Formação Continuada a Distância de Professores para o Atendimento Educacional Especializado: Deficiência Visual**. SEESP/SEED/MEC: Brasília, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/aee_dv.pdf>. Acesso em 31/08/2016.

Metodologia

Como se tornou notório, a nossa metodologia é bibliográfica, pois é caracterizada como aquela que

se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos. (SEVERINO, 2004, p. 122)



Por conseguinte, a nossa pesquisa também se enquadra no âmbito da pesquisa qualitativa, melhor dizendo, uma abordagem qualitativa, já que é

preferível falar-se [...] de abordagem qualitativa, pois, com estas designações, cabe referir-se a conjuntos de metodologias, envolvendo, eventualmente, diversas referências epistemológicas. São várias as metodologias de pesquisa que podem adotar uma abordagem qualitativa, modo de dizer que faz referência mais a seus fundamentos epistemológicos do que propriamente a especificidades metodológicas. (SEVERINO, 2004, p. 119).

Por fim, para a realização deste estudo, lançamos mão das pesquisas explicativa e da exploratória, essencial para a realização daquela. Enquanto que a “pesquisa exploratória busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho [...]. Na verdade, ela é uma preparação para a pesquisa explicativa.” (SEVERINO, 2004, p. 123). Já a pesquisa explicativa é aquela que, além de registrar e analisar os fenômenos estudados, busca identificar as suas causas, seja através da aplicação do método experimental/matemático, seja através da interpretação possibilitada pelos métodos qualitativos. (idem, ibidem) Fica visível, então, diante do exposto que a nossa metodologia faz uso da pesquisa explicativa por esta estar enquadrada nos moldes da pesquisa qualitativa e não, quantitativa.

Análise e resultados

De posse desses conhecimentos, partimos para a análise das embalagens encontradas no mercado que possuem algumas informações em Braille. Pretendemos analisar a embalagem de: um item alimentício, um item do setor de higiene e um do setor de utilidade.

A fim de esclarecer a discrepante diferença entre a quantidade de informações fornecidas para um vidente e para um cego, vamos expor as informações em forma de tabela. Obviamente, não iremos expor todas as informações, apenas uma síntese delas, afinal, são muitos os dados. Vejamos:



Gênero Alimentício		
Informações na embalagem Informações à tinta.		Informações na embalagem Informações em Braille
Frontal	Marca; Sabor: Frutas Vermelhas; Peso: 90g; Tipo de biscoito: integral; Valor energético: 119 kcal.	
Lateral (direita)	Código de barras; Informação nutricional; Dados para contatar a empresa (SAC).	
Traseira	Textos e frases comerciais.	Marca; Número do SAC; Tipo de biscoito: integral; Sabor: frutas vermelhas; Peso: 90g.
Lateral (esquerda)	Símbolo de produto reciclável; Dados do fabricante e do distribuidor; Ingredientes.	

Gênero Higiene		
Informações na embalagem Informações à tinta.		Informações na embalagem Informações em Braille
Frontal	Marca; Linha/Edição; Fragrância;	



	Tipo: em barra; Conteúdo: 5 unidades; Peso (individual): 90g cada unidade.	
Lateral (direita)	Informações ambientais; Símbolo de produto reciclável.	
Traseira	Texto comercial; Modo de usar; Advertências.	
Lateral (esquerda)	Ingredientes; Informações do fabricante. SAC.	“sabonete em barra 90g”. (sic.)

Gênero Utilidade		
Informações na embalagem Informações à tinta.		Informações na embalagem Informações em Braille
Frontal	Tipo de produto: filtro de papel; Marca; Tamanho; Quantidade do produto: 30 unidades; Frases comerciais.	
Lateral (direita)		



Traseira	Marca; Slogan; Texto comercial; Modo de usar; SAC; Código de barras; Símbolo de produto reciclável.	Marca; Tipo de produto: Filtro de papel para café; Tamanho; Quantidade do produto: 30 unidades; Número do SAC.
Lateral (esquerda)	Marca; Slogan; Quantidade: 30 unidades; Modo de usar.	

Nota-se que apenas um dos produtos analisados não fornece o número do SAC para os deficientes visuais. Percebe-se também que este mesmo produto não respeita às normas do sistema Braille, tal como o início da frase com letra capital.

Ainda que nesta proporção de 2/3 parecer favorável e soar como acessibilidade, na verdade não é. Afinal, informações mais vitais como se o produto contém glúten ou lactose, por exemplo, ficarão dependentes de o cego se informar através do serviço SAC, algo que seria bastante trabalhoso se considerarmos o fato de que este sujeito social não irá comprar apenas biscoitos. Também trazemos à tona a realidade de que muitos outros produtos não apresentam as instruções em Braille, ainda que minimamente. Ainda há muito a se fazer para que o deficiente visual seja realmente independente quando do ato de comprar.

Conclusão

Ainda que no Brasil exista mais de 6,5 milhões de deficientes visuais (IBGE, 2010), esta parcela significativa da sociedade ficará à mercê da boa vontade dos familiares quando forem fazer uma simples compra.

Felizmente, há os profissionais leitores, correto? Sim, há! Mas isso não extingue o triste fato de que os leitores prestam um serviço, geralmente, pago. Não somos contra esse tipo de profissional, pelo contrário, reconhecemos a sua importância para a sociedade utilizadora do sistema Braille. Somo, sim, contra a não observância das potencialidades e capacidades dos sujeitos cegos inseridos em nossa sociedade.

Enquanto não houver uma lei que obrigue as empresas a fornecerem, ao menos, o número do SAC em Braille em suas embalagens, os deficientes visuais com cegueira profunda continuarão comprando muitos produtos às cegas.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Saberes e práticas da inclusão**: desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais de alunos cegos e de alunos com baixa visão. Brasília: MEC/Seesp, 2005. p. 19. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/cegos%20e%20bv.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2006.

BRUNO M. M. G; MOTA M. G. B. da. A escolarização do aluno com deficiência visual. In. BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. **Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental**: Deficiência Visual. V. 2. MEC/Seesp: Brasília: 2001. p. 33.

<http://www.fundacaodorina.org.br/deficiencia-visual/> Acessado em 05/07/2016 às 17:10

SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.